

Professor: **Alison Pereira Batista**

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do RN - IFRN - *Campus* Avançado de Parnamirim - PARNAMIRIM/RN

LUZ, CÂMERA, AÇÃO! Uma experiência pedagógica com o ensino do esporte

## Resumo

Este relato de experiência surgiu como continuidade de um processo de formação continuada que tenho vivenciado ao longo dos últimos quatro anos. Desde 2013, com a minha chegada na escola, tenho planejado e dedicado, pelo menos um bimestre de cada ano letivo, à realização de pesquisas/experimentações pedagógicas nas aulas de Educação Física no ensino médio que pudessem me tirar da zona de conforto, me tensionar e impulsionar na busca por metodologias mais ativas, críticas e dinâmicas, com o intuito de aproximar os educandos cada vez mais de aprendizagens significativas. Foi nesse intento que experimentei uma nova forma de ensinar o esporte, acionando a linguagem cinematográfica enquanto estratégia de ensino, sustentado pelos princípios da mídia-educação. Além disso, o esporte e o cinema são fenômenos socioculturais que influenciam a vida das pessoas no mundo, portanto tornaram-se relevantes para o universo dos estudantes participantes do relato.

A escola na qual ocorreu este relato pertence à rede dos Institutos Federais que promove o ensino técnico e profissionalizante. Ela está localizada na cidade de Parnamirim/RN e os alunos pertenciam aos cursos técnicos de informática e mecatrônica. A instituição tem seis anos de funcionamento e possui diversos espaços adequados para a realização das aulas de Educação Física, como ginásio, piscina, campo de futebol, biblioteca, salas de aula, auditório, entre outros. Dispõe de uma quantidade e diversidade significativa de materiais que favorecem o planejamento e a execução das aulas. Os alunos encontravam-se nas faixas etárias entre 15 e 18 anos e pertenciam a diversas classes sociais, sendo a maioria carente economicamente, conforme informações obtidas em conversa com o setor de assistência social da instituição. Esses alunos residem, em sua maior parte, na cidade de Natal, embora haja um número significativo de alunos e alunas que moram em outras cidades, tais como Parnamirim, Macaíba, São José de Mipimbú, Goianinha e Arêz.

Dessa forma, a intervenção foi realizada com 4 turmas de Educação Física do 2º ano do ensino médio (143 alunos). Ela foi sistematizada em 9 encontros (cada encontro foi composto por duas aulas consecutivas de 45 minutos, totalizando 90 minutos por encontro/semana). Foram utilizados como instrumentos avaliativos e para a coleta de informações: atividade diagnóstica, diário de campo, registros no Facebook, observação sistemática, fotos e produção de curtas-metragens. As aulas ocorreram em espaços diversos da escola como sala de aula, ginásio, campo de futebol, piscina e auditório. Além de fomentar o aprendizado de conhecimentos sobre o universo dos esportes, busquei evidenciar a valorização de temáticas sociais como desigualdade de gênero, racismo, *dopping*, deficiências, superação, dentre outras que perpassam esse fenômeno e que deveriam ser fomentados de forma mais presente na escola.

Como principais resultados, posso destacar a obtenção do aumento do tempo e do espaço das aulas, através do relacionamento com os alunos nos grupos via Facebook diariamente, o trabalho colaborativo nas aulas e na produção final (curtas-metragens), o acesso crítico e criativo do conteúdo esporte pelos educandos, alicerçado pela mídia-educação e pelo cinema enquanto estratégia de ensino, fugindo das aulas de caráter esportivizado, assim como, a partir do reconhecimento dos processos pedagógicos por parte dos alunos, a materialização de um planejamento significativo e inovador, que influenciou de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem do conteúdo esporte.

## **Planejamento**

Este relato de experiência surgiu como continuidade de um processo de formação continuada que tenho vivenciado ao longo dos últimos quatro anos. Desde 2013, com a minha chegada na escola, tenho planejado e dedicado, pelo menos um bimestre de cada ano letivo, à realização de pesquisas/experimentações pedagógicas nas aulas de Educação Física no ensino médio que pudessem me tirar da zona de conforto, me tencionar e impulsionar na busca por metodologias mais ativas, críticas e dinâmicas, com o intuito de aproximar os educandos cada vez mais de aprendizagens significativas.

No final de 2015, fui procurado pelo professor de Educação Física Rafael em virtude de nossa aproximação pessoal, profissional e acadêmica (participamos do mesmo laboratório de estudos). Na oportunidade, o professor Rafael externou a sua intenção de estabelecer uma parceria comigo na realização de uma intervenção pedagógica, como objeto de estudo de sua pesquisa de mestrado (pesquisa-ação), que teria como foco o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física no ensino médio. Após essa conversa inicial e reconhecer que as ideias do professor Rafael coadunavam com muitas das minhas inquietações com relação ao ensino desse conteúdo, decidi tocar junto com ele e seu orientador de pós-graduação mais uma parceria e desafio.

Nesse sentido, ainda nas férias de 2015, iniciei (gostaria de ressaltar que este relato foi fruto de uma construção coletiva, portanto todas as vezes que falei na primeira pessoa estes parceiros estiveram também imbuídos no contexto) o processo de amadurecimento e planejamento da intervenção pedagógica, que foi executada somente no primeiro bimestre de 2016. Sempre considerei que o conteúdo esporte era pouco explorado por mim nas aulas, resumindo-se a experimentação de gestos técnicos, a disputa/jogo de acordo com as regras oficiais dos esportes vivenciados, além da abordagem histórica e de suas regras básicas. Essa inquietação não se revelava de forma latente nos estudantes, mas sempre percebi que as aulas poderiam ir além, que poderiam extrapolar e oferecer mais do que o básico feijão com arroz. Afinal esse modelo tradicional de ensino do conteúdo esporte, na minha opinião, ainda é o mais difundido nas escolas brasileiras.

Essa forma de abordar o conteúdo esporte corresponde a um modelo esportivista que foi concebido na década de 80 pelo Movimento Renovador da Educação Física, segundo a professora Suraya Darido. Todavia, sugeriram outras possibilidades de abordagens mais críticas para o ensino da Educação Física, como por exemplo a crítico-emancipatória defendida pelo professor Elenor Kunz nos anos 90. Foi a partir dessa perspectiva crítica que utilizei uma nova forma de ensinar o esporte, acionando a linguagem cinematográfica enquanto estratégia de ensino, sustentado pelos princípios da mídia-educação. A mídia-educação que alicerçou teoricamente a intervenção teve como base os estudos da professora Mônica Fantin, que a compreende como possibilidade

de educar para/sobre as mídias, com as mídias e através das mídias, a partir de uma abordagem crítica, instrumental e expressivo-produtiva. Essa concepção amplia a visão meramente instrumental do uso da mídia enquanto recurso didático.

De acordo com o pesquisador Victor Andrade de Melo, esses dois elementos, esporte e cinema, carregam uma relação histórica, em que acabaram se tornando símbolos da modernidade e que frequentemente dialogam, tanto é que não é surpresa o surgimento do cinema e dos Jogos Olímpicos no mesmo período (1895 e 1896, respectivamente). Por serem fortes fenômenos socioculturais, influenciam a vida das pessoas e, por este motivo, tornam-se relevantes à prática pedagógica. Além disso, a maioria dos estudantes sempre gostou do conteúdo esporte, e, por isso, o cinema e a mídia-educação poderiam ser temperos para dar sabor a minha prática pedagógica e propiciar novas experiências e aprendizados. Arelado a isso, seria possível atingir também aqueles estudantes que não gostavam do esporte, mas que demonstravam interesse e conhecimento sobre a temática do cinema.

Assim decidi, unir o útil ao agradável, experimentar uma nova forma de ensinar o conteúdo esporte e qualificar-me profissionalmente, pois o professor Rafael seria um grande orquestrador desse processo. Dessa forma, a intervenção foi realizada em uma escola pública de ensino técnico e profissionalizante com 4 turmas de Educação Física do 2º ano do ensino médio (143 alunos). Ela foi sistematizada em 9 encontros (cada encontro foi composto por duas aulas consecutivas de 45 minutos, totalizando 90 minutos por encontro/semana). Foram utilizados como instrumentos avaliativos e para a coleta de informações: atividade diagnóstica, diário de campo, registros no Facebook, observação sistemática, fotos e produção de curtas-metragens.

Realizamos as aulas em espaços diversos da escola como sala de aula, ginásio, campo de futebol, piscina e auditório. Utilizamos como recursos materiais *notebook*, projetor multimídia, caixas de som, lápis e quadro branco, bolas, discos do atletismo, cones, redes, raquetes e petecas de *badminton*, folhas de papel e os celulares dos próprios estudantes.

Além de fomentar o aprendizado de conhecimentos sobre o universo dos esportes, busquei evidenciar a valorização de temáticas sociais como desigualdade de gênero, racismo, *dopping*, deficiências, superação, dentre outras que perpassam esse fenômeno e que deveriam ser fomentados de forma mais presente na escola. Proporcionamos, ainda, a aprendizagem de alguns conhecimentos técnicos básicos do cinema (planos, *script*, roteiro, filmagem, edição), que foram fundamentais para a produção dos curta-metragem.

## Diagnóstico

A escola está localizada em Parnamirim/RN e pertence a rede dos Institutos Federais. Os alunos faziam os cursos técnicos de informática e mecatrônica. A instituição está em funcionamento há 6 anos e possui diversos espaços adequados para a realização das aulas de Educação Física, como ginásio, piscina, campo de futebol, biblioteca, salas de aula, auditório. Dispõe de uma quantidade e diversidade de materiais que favorecem o planejamento e a execução das aulas. Os alunos encontravam-se nas faixas etárias entre 15 e 18 anos e pertenciam a diversas classes sociais, sendo a maioria carente economicamente, conforme informações obtidas em conversa com o setor de assistência social da instituição. Esses alunos residem, em sua maior parte, na cidade de Natal, embora haja um número significativo de estudantes que moram em outras cidades, tais como Parnamirim, Macaíba, São José de Mipimbu, Goianinha e Arêz. Em 2016 foi o primeiro

contato com as turmas, por isso não havia impressões prévias sobre o comportamento, aprendizagem e participação nas aulas de Educação Física. Assim, houve uma grande expectativa de como eles iriam corresponder ao andamento do processo.

Nesse sentido, com o intuito de conhecer um pouco sobre os conhecimentos que os alunos traziam sobre os temas, foi elaborado e aplicado, no primeiro encontro da intervenção, um instrumento diagnóstico escrito com questões abertas e fechadas. As questões objetivas faziam referência à prática esportiva dentro e fora da escola e sobre a apreciação fílmica no cotidiano. Já as dissertativas tratavam da hegemonia de alguns esportes nas aulas de Educação Física e sobre filmes em geral e possíveis relações com o esporte e a Educação Física escolar.

Dos 143 alunos, 137 (82 do sexo masculino e 55 do sexo feminino) responderam ao instrumento. Assim, destacarei alguns resultados encontrados. Com relação a pergunta “Você gosta de esportes?”, 116 responderam que sim e 21 que não. Já à pergunta “Você costuma ir ao cinema?”, 107 responderam que sim e 30 afirmaram que não. Ao perguntar “Você costuma assistir filmes pela internet?” 95 afirmaram que sim, e apenas 7 estudantes disseram que não. Fazendo uma leitura desses dados, posso notar que tanto o esporte quanto o cinema estão presentes no cotidiano dos estudantes, ratificando a pertinência de se utilizar essa estratégia de ensino nas aulas de Educação Física, pois, para a professora Maria Luiza Belloni, é urgente a integração da linguagem audiovisual à escola, para que a mesma não perca o contato e a sintonia com as novas gerações.

Foi identificado que quase metade dos educandos, apesar de gostarem de esportes, não praticam alguma atividade esportiva pelo menos uma vez por semana (73 alunos disseram que praticavam e 64 afirmaram que não). Vale ressaltar que a maioria dos estudantes respondeu sentir necessidade de conhecer novos esportes, para que possam sair da mesmice e não fiquem limitados sempre aos mesmos. E aqueles que responderam não sentir essa necessidade tinham o perfil de não gostar de esportes ou gostar apenas de um especificamente, tendo o futebol como principal resposta.

Foi marcante também nas respostas encontradas a presença da influência midiática, pois essa evolução tecnológica, principalmente as tecnologias digitais, vem proporcionando novas maneiras de relações entre os indivíduos e o conhecimento. Para o pesquisador Martin-Barbero, mais do que a criação e introdução de novas máquinas, há um novo modo de relação entre os processos simbólicos que constituem o cultural e as formas de produção de distribuição dos bens e serviços.

Fazendo alusão ao repertório fílmico dos educandos, ficou comprovado, pelo vasto número de filmes citados, em especial os esportivos, que o cinema faz parte do dia a dia deles, tornando significativo o trabalho que ali estava sendo realizado. Assim, o próximo questionamento aos estudantes se fez pertinente, visto que estava relacionado à possibilidade de aprendizado a partir da relação esporte/cinema nas aulas de Educação Física. Obteve-se como principais respostas o entendimento de que seria possível, principalmente porque esses temas fazem parte do nosso cotidiano, têm relações históricas e essa junção facilitaria a aprendizagem, podendo deixar as aulas mais atrativas, divertidas e dinâmicas.

Outro ponto que chamou atenção foi a utilização do celular durante o preenchimento das respostas. A sociedade atual produz estudantes sedentos pela inclusão das mídias na escola, chamados de nativos digitais, pois já nasceram envoltos pelas tecnologias. Porém, nascer envolto

pelas tecnologias não significa que nasceram prontos para usá-las de modo crítico. Assim, por meio desse diagnóstico foi possível reorganizar algumas ideias sobre as aulas seguintes, incrementando o uso de celulares, sendo notório que o cinema e o esporte eram elementos bem presentes no entorno cultural dos estudantes.

## **Desenvolvimento**

O relato de experiência foi planejado inicialmente para oito encontros (a realização de um encontro por semana), todavia senti a necessidade de adicionar o nono encontro em função da qualidade dos trabalhos produzidos pelos estudantes.

O primeiro encontro, intitulado Boas Vindas 2016, teve como objetivo o entendimento, pelos estudantes, do planejamento bimestral, da proposta de intervenção e do processo de avaliação do bimestre letivo, que teve os seguintes instrumentos: atividade diagnóstica; participação nas aulas; participação no grupo do Facebook; realização do roteiro esportivo; trabalho final (produção do curta esportivo + roteiro). Cada uma dessas atividades valeu 100 pontos e no final do processo realizei uma média aritmética para a concepção da nota final do bimestre.

O uso do Facebook merece destaque por ser uma rede social amplamente utilizada pelos estudantes e um formato inovador de acompanhamento pedagógico e de interação. A forma de avaliar a participação dos alunos foi através de curtidas e postagens relevantes que eles deixavam a partir das temáticas e tarefas propostas nesse ambiente virtual. Para o aluno que não tivesse conta no Facebook, esse processo efetivou-se por e-mail. Esclareço também que cada turma possuía seu próprio grupo fechado em que participavam apenas os alunos da turma e os dois professores.

Na sequência, sensibilizei os educandos quanto ao processo diferenciado que seria vivenciado, enquanto objeto de uma pesquisa de mestrado. A maioria dos estudantes acolheu a proposta de tematizar o conteúdo esporte através do cinema, porém alguns ficaram sem entender e bastante curiosos, pois para eles os esportes era jogar e o cinema era assistir filmes. A aluna Y. A. argumentou: Gostei muito da ideia, mas quero ver como vocês vão conseguir fazer isso com duas coisas tão diferentes!, já a aluna A. K., questionou: Professor, como o senhor vai fazer essa relação, se numa eu estou parada, sentada assistindo, e na outra eu estou correndo ou jogando? Já outros, em grupos menores, não receberam positivamente a notícia, pois queriam aulas de jogar os esportes, em especial o futebol. Os alunos L. V. e R. S., disseram: Negócio de cinema professor, vamos jogar bola que é melhor!. Ficou claro nos discursos que seria um grande desafio a mudança de realidade das aulas de Educação Física deles, devido a não terem vivenciado algo parecido em níveis anteriores de ensino e por acreditarem que a Educação Física se baseava no viés procedimental do esporte apenas.

Terminada a conversa, entreguei o termo de autorização de uso da imagem para os responsáveis assinarem, pois essas imagens seriam utilizadas pelo professor Rafael em sua pesquisa. Na sequência passei a palavra ao professor Rafael (decidimos desde o planejamento, que os próximos encontros seriam conduzidos por ele). Eu estaria presente em todas as aulas, mas atuando em segundo plano, ajudando no processo, desde registros de imagens, vídeos e falas, passando por mediações e até na partilha de conhecimentos e saberes. Feitos os esclarecimentos o professor Rafael recebeu simbolicamente a turma de minhas mãos, se apresentou, falou das suas expectativas e conduziu a aplicação do instrumento diagnóstico escrito. A aula foi encerrada

com o encaminhamento para os alunos realizarem uma pesquisa espontânea sobre esporte e cinema.

O segundo encontro, Gincana Cultural de Esporte e Cinema, teve o objetivo, a partir de uma vivência prática em sala e fora dela, a reflexão sobre os aspectos socioculturais relacionados ao esporte e ao cinema. No primeiro momento, Rafael indagou sobre como foi a pesquisa sobre esporte e o cinema e recolheu os termos de autorização da imagem. Logo após, ele dividiu duas equipes e lhes entregou o regulamento da gincana. Ela foi composta por seis provas, sendo elas: (1) Dando vida à equipe; (2) Cine Paródia; (3) Quiz esporte-cinematográfico; (4) Quem é na imagem?; (5) Qual é a música (trilha sonora)?; (6) Imagem e Ação. Sobre a pesquisa dos alunos, esperava-se mais, pois tiveram uma semana para tal e tratava-se de duas temáticas que eles apontaram gostar em suas falas e respostas dos questionários, além de ter sido de forma aberta, ou seja, eles poderiam realizar em jornais, revistas, livros, internet, entre outros. Alguns alunos, quando questionados sobre o porquê de não fazerem a pesquisa, trouxeram como principais respostas que não eram acostumados a esse tipo de produção nas aulas de Educação Física ou que não poderiam porque tinham outras pesquisas mais importantes em outras disciplinas, isto é, valendo nota. Durante a realização da gincana, percebeu-se que não daria tempo de fazer todas as provas, nesse sentido, em conjunto com os estudantes, a quinta prova foi excluída. Logo, das 5 provas realizadas, escolhi a prova Imagem e Ação para detalhar.

A prova Imagem e Ação teve como dinâmica o acerto do nome do esporte olímpico a partir de um desenho ou mímica realizada por um dos integrantes da equipe. Ao total foram doze esportes selecionados, dando preferência aos menos populares no Brasil, tais como: Esgrima, Hóquei sobre a grama, Canoagem etc. A ideia aqui estava para além da atividade em si, versava também para um maior repertório esportivo aos alunos, dando notoriedade aos esportes menos conhecidos, e ser mais um diagnóstico do conhecimento deles. Mais uma vez buscamos apoio no pensamento de Elenor Kunz, pois o ensino da Educação Física não é somente o desenvolvimento das ações do esporte, mas a materialização da compreensão crítica das variadas formas da encenação esportiva, os seus interesses e os seus problemas vinculados ao contexto sociopolítico, possibilitando, dessa maneira, emancipar o aluno.

Essa prova foi a que mais motivou os educandos e a que eles mais gostaram, pois, segundo o discurso da aluna R. T. , "Ela foi muito *show*, devido a sua dinâmica e formas diferentes de jogar, além de ter contado com um tema em alta esse ano, as Olimpíadas". Por fim, conversamos e foi solicitado que os estudantes postassem respostas aos questionamentos deixados no Facebook sobre a gincana e pesquisassem sobre roteiro, curta-metragem e linguagem cinematográfica, além de postarem suas produções da prova Cine Paródia e trouxessem a formação de grupos de cinco integrantes para dar início a produção do curta-metragem. Comentários positivos realizados pela maioria dos alunos durante a aula, *a posteriori*, tanto pessoalmente quanto pelo Facebook, fizeram-me acreditar o quanto essa aula foi significativa e prazerosa e o quanto eles estavam se envolvendo com a temática postulada, autorizando, de certa maneira, essa nova forma de ensino que ali estavam experimentando.

O terceiro encontro, intitulado Cinemando, teve como objetivo a compreensão e reflexão, sobre as narrativas fílmicas esportivas a partir das técnicas do cinema (curta-metragem, roteiro e linguagem cinematográfica). Dessa maneira, num primeiro instante, foi conversado com os alunos sobre a pesquisa referente aos elementos acima expostos e foi conceituado e exemplificado, de forma básica, o que seria cada um deles, ou seja, o que era curta-metragem,

roteiro e linguagem cinematográfica, assentados em imagens, vídeos e, principalmente, nas produções fílmicas esportivas realizadas por eles no encontro anterior, em que os mesmos postaram no Facebook. Nesse momento, baseado nesse debate, foi identificado em todas as turmas alguns educandos que tinham noção desses termos e outros poucos que já tinham o costume de produzir pequenos filmes, porém sem esse conhecimento mais técnico.

Foi um conjunto de imagens de alguns dos curtas postados pelos estudantes no Facebook, selecionados para exemplificar a linguagem cinematográfica, como, por exemplo, planos e ângulos. Nessa perspectiva, houve o encaminhamento para a utilização crítica das mídias audiovisuais, evidenciando que o cinema pode ser colocado de diversas formas pelos docentes nas aulas, como fonte ou texto-gerador. Desse modo, os estudantes se perceberam como produtores e consumidores de cinema, mesmo que muitas vezes nem soubessem, bem como notaram como os discursos contidos na imagem e/ou no vídeo podem influenciar as pessoas. A ideia deste encontro não era transformar os alunos em cineastas ou diretores de cinema, mas que eles tivessem o conhecimento técnico básico da produção de cinema para uma melhor feitura de seus argumentos, roteiro e história do curta-metragem esportivo final, que seria apresentado tanto no último encontro (seminário) quanto na Mostra de Curtas. A intenção desse momento também foi reconhecer nesse debate pedagógico que as formas de narrar (que utiliza as técnicas) modificam a maneira de ver o produto midiático, assim como possibilita a problematização de como os estudantes estão consumindo o esporte. No momento seguinte, foram solicitados os nomes dos grupos de cinco alunos para realização do trabalho final, para assim já irmos organizando temáticas, espaços para gravação etc. Nessa hora, alguns alunos, de todas as turmas, pediram um acréscimo de componentes nos grupos, no caso de cinco para oito integrantes, com o argumento de que seria um trabalho que nunca tinham realizado e um grupo maior ajudaria mais, então, em consenso com eles, os quantitativos dos grupos foram alterados. Ao término da aula, foi conversado sobre o encontro, em que obtivemos como principal resposta que fazer cinema não era uma tarefa tão fácil quanto imaginavam ser, foi solicitado ainda que os grupos pesquisassem sobre os esportes e suas temáticas esportivas e comesçassem a pensar, a partir de questões e dúvidas lançadas no Facebook, o roteiro e a linguagem cinematográfica de seus curtas-metragens esportivos, da mesma forma que trouxessem seus celulares.

No quarto encontro, intitulado Possibilidades esportivas e suas temáticas, o objetivo, a partir de uma vivência na quadra, no campo e na piscina, foi despertar a percepção, por parte dos estudantes, das possibilidades esportivas e suas temáticas, a partir da criação de curtas-metragens baseada em roteiros. No início da aula foi discutido sobre a pesquisa referente ao esporte e suas possíveis temáticas, obtendo como respostas, por exemplo, a deficiência, a superação, o racismo etc. Depois foi solicitado que eles fizessem, copiando fielmente (roteiro original) ou adaptando (roteiro adaptado), um vídeo no celular baseado em um dos quatro roteiros trazidos pelo professor. Os quatro roteiros giravam em torno de 2 minutos e traziam em seu escopo o máximo de informações possíveis, como movimentos específicos dos esportes, planos, ângulos, diálogos etc. Três deles foram produzidos por Rafael e o quarto foi retirado do filme Coach Carter – Treino para a vida. Os roteiros foram organizados a partir da seguinte dinâmica: 1º Filme (Coach Carter), esporte (basquete), temáticas sociais envolvidas (trabalho em equipe, cooperação, coletividade); 2º Filme (Disco Lado B), esporte (atletismo), temáticas sociais envolvidas (*dopping*, ética e competição); 3º Filme (Futebol de salto alto), esporte (futebol), temáticas sociais envolvidas (desigualdade de gênero, preconceito, homossexualidade); 4º Filme

(Natação (D) eficiente), esporte (natação), temáticas sociais envolvidas (deficiência, preconceito e incapacidade).

Essa diversidade de roteiros se deu também para além da percepção das temáticas esportivas e de algumas técnicas cinematográficas básicas, no propósito dos alunos terem a oportunidade de experimentarem os espaços que muitos nunca tinham ido, como a área do arremesso de disco, por exemplo. Essa variedade chamou atenção deles de maneira positiva, como podemos notar no discurso do aluno D. F.: Que legal, professor, você vai fazer uma aula em três lugares diferentes! Só assim mergulho nessa piscina ou ando pelo campo.

Para a realização da vivência, a turma foi dividida em quatro grupos para o sorteio dos quatro roteiros, ou seja, cada grupo ficaria com um roteiro e seria responsável pela produção de um vídeo com o celular. Logo, foram produzidos 12 vídeos ao total. Durante a dinâmica das atividades de filmagem, foram ensinados alguns movimentos específicos de cada esporte, assim como foram debatidas algumas características deles. Foi percebido pelos dois professores, com essas vivências, os três níveis de competência postulados por Elenor Kunz sendo efetivados, pois ao aprenderem as habilidades práticas do basquete, do arremesso de disco, do futsal e da natação, contemplamos a competência objetiva. Já quando foi abordado sobre os valores socioculturais associados a essas práticas, edificamos a competência social. E, por fim, na proposição de narrativas a partir dos roteiros, foi materializada a competência comunicativa.

Por fim, as reflexões excederam o conhecimento do conteúdo esporte e suas temáticas, o que também era a nossa intenção, indo ao encontro do conhecimento de técnicas do cinema, pois alguns alunos reconheceram o quão é importante se pensar em algo primeiro (ideia) e por no papel (roteiro), para depois ser filmado (linguagem cinematográfica), ficando isso evidenciado no depoimento da aluna A. J. quando diz: Professor, é muita parte escrita para pouco tempo de vídeo. Caramba, deve dar um trabalhão danado ser roteirista, devemos realmente fazer uma coisa de cada vez.

No quinto encontro, ampliando repertório esportivo, o objetivo foi ampliar o vocabulário esportivo dos estudantes através dos curtas-metragens e suas temáticas sociais. Num primeiro momento, os alunos entregaram as novas formações dos grupos de trabalho (oito componentes), foi lembrado o que era um curta-metragem e foi reforçado como seria o trabalho do seminário final. Assim, o trabalho consistia na criação de um curta-metragem esportivo (esporte + temática social) de no mínimo 3 e no máximo 15 minutos com o roteiro, incluindo em ambos: título, créditos, nome da escola e/ou logomarca, nome completo dos autores, ano escolar, turma, componente curricular, nome dos professores, conteúdo trabalhado, nome dos responsáveis pela coleta de imagens, roteiro, edição, direção, sonoplastia e agradecimentos (se tiver). Os critérios da avaliação seriam: criatividade; originalidade; fundamentação do tema.

Em seguida, apreciamos três curtas-metragens: Cartão Vermelho ([https://www.youtube.com/watch?v=7Qn\\_ENO\\_g74](https://www.youtube.com/watch?v=7Qn_ENO_g74) abordando questões de gênero); Ética no Esporte ([https://www.youtube.com/watch?v=RsNrBJXdh\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=RsNrBJXdh_g) abordando ética e *dopping*); Cordas (<http://ulozto.net/xWjBcmDH/c-h-de-a-rar> sobre deficiência). Após a apreciação deles, foram realizados questionamentos tanto sobre as temáticas advindas dos vídeos quanto sobre o que eles poderiam estar relacionando com suas realidades e experiências vividas. Alguns questionamentos foram comuns aos três curtas, como: Que temática social o curta traz?; Por que é importante tratar dessas temáticas? Já outros foram direcionados para cada curta,



tentando fazer o aluno pensar e ter um olhar crítico sobre o mundo que está a sua volta, tais como, para o primeiro vídeo: O que fazer para diminuir tal discriminação?; para o segundo: O que é ética para você e o que fazer para que ela se firme na sociedade?; e para o terceiro: Você conhece alguém que já sofreu ou pratica atitudes preconceituosas?

A participação foi efetiva dos alunos nos debates. Eles não se isentaram em opinar sobre as temáticas advindas dos curtas, assim como as relacionaram com seu cotidiano e o que eles percebiam delas de uma maneira mais macro. Fora isso, eles relataram que esse momento foi essencial para relação do esporte e suas possíveis temáticas num curta-metragem e como eles se relacionavam na linguagem cinematográfica. Para corroborar as reflexões dos estudantes trago, por exemplo, a fala da aluna B. P. “Tenho uma amiga que é homossexual e ela se martiriza bastante por ser assim, esconde de todo mundo, inclusive dos pais, é triste ver sua angústia”, e o dizer do aluno J. G. “Colar numa prova também é antiético professor, então me diga como podemos reclamar dos políticos” ou ainda a fala da aluna H. M. “Esse curta me emocionou e me fez refletir sobre a importância de tratarmos cada vez melhor quem sofre de alguma deficiência”. No sexto encontro, intitulado Narrando diferente, o objetivo foi aprender a narrar o esporte de forma diferente, trazendo novos esportes, ângulos, perspectivas e linguagens, a partir de uma vivência com o *badminton*. É importante esclarecer que durante a semana, foi postado *links* de outras formas de narrar. Então, no momento inicial, foi conversado sobre a pesquisa referente aos diferentes modos de narrar os esportes, e foram recebidos os roteiros produzidos a partir da cena fílmica postada no Facebook como uma das atividades avaliativas do bimestre.

Na sequência, foi realizado um trabalho lúdico de iniciação ao *badminton*, dando vazão ao conhecimento do esporte e dos implementos dele (raquete e peteca) de uma forma despreziosa, sem exigências técnicas. Os PCNs revelam essa importância de respeitar o universo cultural dos estudantes e de explorar o vasto leque de possibilidades educativas de sua atividade lúdica e, paulatinamente, desafiá-los a partir de vivências cada vez mais difíceis objetivando a construção do conhecimento, que foi o que ocorreu no momento seguinte da aula, quando foi solicitada que as turmas se dividissem em seis grupos de seis componentes e que cada um desses ocupasse uma das seis quadras de *badminton*. A dinâmica foi que quatro integrantes jogariam em duplas (dois contra dois) e a dupla restante realizaria a filmagem e narração, com o celular, do jogo de uma forma diferenciada do que costumeiramente vemos nas transmissões esportivas. É importante dizer que todos os componentes dos grupos passariam por todas as funções.

Dessa forma, foi visto alunos jogando de várias maneiras, tanto de uma forma mais lúdica, continuando a dar importância à experimentação dessa forma, pois no início da vivência deixamos a critério deles, com pequenos ajustes, as possibilidades de jogar, quanto de um modo mais regrado de esporte em si. Algumas variações do jogo vistas: (1) Alunos podendo tocar a peteca um para o outro antes de passar a peteca para o outro lado; (2) Aluno podendo dar mais de um toque na peteca antes de passá-la para o outro lado; (3) Aluno sacando do fundo da quadra imitando o saque do Tênis; (4) Alunos tentando jogar com mais de uma peteca ao mesmo tempo; (5) Alunos já tentando jogar baseados nas regras do esporte etc.

Foram vistas as mais diversas formas de narrar o *badminton*, entre elas: (1) Alunos filmando o jogo na perspectiva apenas de um atleta; (2) Alunos indo para a meia quadra, sentando embaixo da rede e filmando a movimentação de uma dupla apenas no ângulo contra-*plongée* (câmera baixa); (3) Aluno filmando não só o seu jogo, mas pegando outras partidas num plano geral; entre

outras. Com essa variedade de formas, os alunos perceberam quão limitados são os discursos esportivos, apesar de todo aparato tecnológico. O aluno A. M. disse em tom surpreso: Como a televisão tem possibilidades de narrar uma partida! Estamos vendo aqui na aula várias delas, pena que ela faz pouco uso dessa variedade, talvez seja por causa do dinheiro e da audiência. Partindo para o final do encontro, foi pedido que os alunos postassem no Facebook todos os vídeos criados na aula.

No sétimo encontro, intitulado Apito Final, o objetivo foi a orientação e ajustes finais das produções dos curtas-metragens. É bom chamar atenção, antes do relato da aula, que durante a semana foram feitas duas postagens no Facebook, com o intuito de colaborar com as ideias dos estudantes. Eles disseram que essas postagens ajudaram a pensar melhor o tema, mas que poderiam ter sido feitas um pouco antes. A justificativa para essa postagem tardia perpassa o poder de autonomia e protagonismo que queríamos dar aos alunos e que os conteúdos dessas listas já estavam sendo trabalhados durante o processo. Na sequência foi pedido para os grupos externarem suas dúvidas para irmos sanando. Ainda existiam várias dificuldades. Assim, os grupos que tinham dúvidas sobre roteiro permaneciam em sala e os grupos que precisavam gravar iriam ao local da filmagem terminar as cenas, caso as mesmas fossem na escola. O oitavo encontro, Seminário Final, teve como objetivo a apresentação e discussão das produções dos estudantes. Um integrante do grupo falava brevemente sobre o seu curta e depois ele era exibido. Tivemos, ao total, 18 curtas-metragens. Todos eles estão disponíveis no canal do YouTube do professor Rafael, <https://www.youtube.com/channel/UC5u725rdriXIFNIq4LITlxg>. Os esportes e temas sociais abordados foram diversos.

Essa criatividade, improvisação e poder reflexivo dos educandos são corroborados pelo protagonismo dado a eles durante a interlocução. O uso do cinema enquanto estratégia de ensino para tratar do conteúdo esporte e suas temáticas, além de ter sido uma nova forma de ensino, foi uma oportunidade de criação, discussão e transformação deles.

Ao término da apreciação dos curtas e discussões, foi falado quando e como seria a realização da I Mostra de Curtas Esportivos. Foi avisado também que seria selecionado e postado, no Facebook, três curtas de cada turma para serem exibidos na Mostra, dando um total de doze curtas. O critério para seleção do curta foi o mesmo utilizado para as notas bimestrais, ou seja, criatividade, originalidade e fundamentação do tema. E, por fim, também pedimos para os alunos responderem uma ficha de avaliação sobre as experiências de ensino-aprendizagem ao longo do bimestre.

A I Mostra de Curtas Esportivos (nono encontro) nasceu de uma ideia dos professores imbuídos nessa interlocução no sentido de dar visibilidade aos curtas-metragens esportivos. Nessa perspectiva, pensamos em realizar algo que marcasse não só a instituição, mas como toda a comunidade escolar. A Mostra superou as expectativas, contando com uma média de 100 espectadores por sessão, transformando-se num evento que chamou a atenção da comunidade interna e externa para uma diferente forma de ensinar o conteúdo esporte a partir do cinema como estratégia de ensino. Tanta foi à repercussão da Mostra, que, além dos elogios recebidos pelos presentes, também foi matéria do programa de TV, em que pôde ser assistida, em sua íntegra, no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=v9TsZmVDICo>. Ao término o professor Rafael agradeceu e devolveu simbolicamente as turmas ao professor titular.

## **Avaliação**

## Aprendizagem

Começo esta reflexão a partir de uma das respostas dadas ao instrumento diagnóstico aplicado no primeiro dia de aula. A pergunta foi: É possível relacionar esporte e cinema nas aulas de Educação Física? Justifique. A aluna M. M respondeu de forma direta e elementar “Sim, o cinema está em tudo, já que com dois cliques se faz um vídeo, basta um celular e uma câmera, para registrar algo e unir ao tema que quiser, inclusive o esporte”. Tenho consciência que fazer cinema não é algo tão simplório como foi externado pela aluna, todavia foi com essa clareza e objetividade que foi conduzido todo o processo de intervenção, no entanto não posso negar que todas as vezes que se iniciava um novo ciclo de aulas existia sempre uma tensão maior, pois a primeira aula/turma servia de parâmetro inicial com relação ao tempo, aceitação e envolvimento dos estudantes com as atividades propostas. Por isso, sempre após a primeira aula, os dois professores se reuniam para conversar/avaliar e combinar ajustes para as aulas subsequentes. De acordo com o regimento da escola, faz-se necessário realizar no mínimo dois instrumentos avaliativos por bimestre. Para atender a essa exigência, e também, aos objetivos da pesquisa do professor Rafael, foi concebida a aplicação de cinco instrumentos avaliativos: Atividade Diagnóstica; Participação nas Aulas; Participação no grupo do Facebook; Realização do roteiro esportivo; Trabalho Final (Produção do curta esportivo + roteiro). Cada uma dessas atividades valeu 100 pontos e no final do processo realizei uma média aritmética para a concepção da nota final do bimestre.

Todos os alunos que responderam a atividade diagnóstica receberam 100 pontos e os que não o fizeram ficaram com 0 pontos nesse instrumento de avaliação. O intuito foi coletar informações importantes sobre os conhecimentos/expectativas dos estudantes sobre esporte e cinema. Dessa forma, privilegiei a participação e o compromisso daqueles que responderam a atividade. E, mesmo assim, tiveram mais de 10 alunos que não entregaram a atividade.

Com relação à participação nas aulas tenho utilizado uma estratégia, desde 2012, para minimizar as ausências e não participação nas aulas. Essa estratégia tem funcionado de uma forma particular. Todos os estudantes iniciam o bimestre com nota máxima (100 pontos) e a medida que ocorrem os seguintes fatos essa nota é diminuída: Falta – decréscimo de 15 pontos, com exceção das justificadas com atestado médico ou participação em eventos externos representando a escola; participação nas aulas práticas com calça jeans – decréscimo de 10 pontos; não participar da aula – decréscimo de 20 pontos, com exceção dos casos de saúde ou impossibilidade; gazer aula – decréscimo de 30 pontos. Esse controle é realizado diretamente na caderneta de chamada, ficando a mesma repleta de símbolos e anotações (N – Não participou, G – Gazeou, M – Menstruação, Ponto circulado – o aluno está presente, mas sem condições de fazer a aula, entre outros símbolos) que auxiliam no acompanhamento da participação nas aulas. Não concebo esse método como o melhor ou mais completo para aferir a participação dos estudantes nas aulas, pois carece ainda da inclusão de aspectos qualitativos, como, por exemplo, agregar a exposição de opiniões ou a realização de questionamentos por parte dos estudantes. Todavia, encontrei nele uma forma efetiva de estimular a participação dos estudantes nas aulas. Percebo com isso, que, no início, alguns alunos participam das aulas com foco apenas na manutenção de suas notas nesse critério, mas com o passar das aulas e do processo, esse sentimento de obrigação foi diminuindo e o prazer e satisfação passaram a ser os elementos mais motivadores para os estudantes.

A participação no Facebook tem sido outro instrumento pedagógico que tenho feito uso há alguns anos, pois utilizo essa rede social para postar fotos das aulas, lembretes, combinados, *links*, vídeos, *slides*, textos, materiais complementares, realizo ainda enquetes, solicito que os estudantes avaliem o processo, metodologia das aulas e aceitação dos conteúdos. Ao término do bimestre fiz um levantamento da participação dos estudantes por meio da contagem de postagens, respostas e comentários. Após essa contagem construí uma tabela com um intervalo de quantitativos e a sua equivalência em pontos, como por exemplo o aluno que executou entre 60 e 55 atividades tirou nota 100, aquele que registrou entre 50 e 54 tirou nota 95, e por aí segue essa linha de raciocínio. A concepção dessa nota é bem trabalhosa, no entanto é bastante gratificante observar os resultados registrados em um local aberto a todos os estudantes da turma. Nas primeiras vezes que utilizei o Facebook, também contabilizava as curtidas, percebi depois que esse esforço era desnecessário, pois passava por um gesto apenas mecânico de um *click*, e que não necessariamente levava os alunos a lerem/compreenderem as postagens, além disso, aumentava significativamente o trabalho para a concepção da nota.

Tenho observado que essa interação pelo Facebook tem diminuído um pouco o seu potencial nos dois anos últimos (2017 e 2016). O impacto na participação ainda é relativamente bom, mas já foi melhor, pois a interação diminuiu e o tempo para resposta dos alunos aumentou. Ao perguntar aos alunos sobre esse fato, muitos consideram que o Facebook perdeu espaço para outras redes sociais como Instagram e Whatsapp. Nesse sentido, tenho começado a pensar em outras possibilidades de usar essas redes sociais como instrumentos pedagógicos. Estou ainda no campo das ideias, mas brevemente virão as primeiras experimentações.

Foi solicitado aos estudantes, ao término do quarto encontro, que produzissem um roteiro esportivo, individual ou em dupla a partir de cena do filme Coach Carter (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eWTwK3sBjOU> ) postada no Facebook (processo inverso ao realizado na aula). A cena em questão mostrava o treinador Carter sendo surpreendido, no ginásio, pelos seus alunos/atletas fazendo uma prova da escola para tirar notas boas, pois uma das condições para o treino da equipe era que eles tivessem tais notas. A ideia com essa atividade era que os alunos percebessem a importância da associação estudos e esporte, se apropriassem mais dos processos de criação com a temática esportiva e de leitura e escrita para o roteiro final. Para ajudá-los, foi postado também as diretrizes básicas à produção de um roteiro, os quatro roteiros desenvolvidos no encontro quatro e um programa de fácil usabilidade chamado CELTX (editor de roteiro), porém quem não quisesse fazer por ele, poderia fazer via Word.

Os seminários consistiram na produção dos curta-metragem. Este trabalho foi construído e orientado desde o primeiro dia de aula do bimestre. A maioria dos grupos começou a fazer esta tarefa com uma antecedência de pelo menos um mês, mas houve também aqueles que deixaram para fazer de última hora mesmo acontecendo um acompanhamento sistemático durante o processo. Para avaliar os seminários foram estabelecidos três critérios: criatividade (enredo, figurino, adereços, cenários, diálogos etc.); originalidade (era uma história criada ou uma adaptação?); fundamentação do tema (o tema era esporte? Estava bem fundamentado? A temática social estava bem associada? Havia contexto entre as cenas e o enredo? etc.).

Durante o andamento da intervenção eu e o professor Rafael nos questionamos se seria realmente justo um trabalho de culminância como esse (que daria tanto trabalho aos estudantes) valer a mesma pontuação que cada um dos outros instrumentos. Chegamos ao entendimento de manter o valor dessa pontuação, pois gostaríamos de valorizar todo o processo vivenciado e não

apenas o produto final. Ao analisar as produções audiovisuais criadas pelos alunos e consideradas como sínteses de aprendizagens privilegiadas nesta experiência pedagógica, foi revelada uma real ampliação do conhecimento com/sobre os esportes e seus temas, visto o trato dos estudantes com os mais variados esportes, entre eles: Boxe, Atletismo, Tae-Kwon-do, Futebol, Vôlei, Basquete, Xadrez etc. (dando margem ao nível de competência objetiva da abordagem crítico-emancipatória), bem como com as temáticas sociais advindas deles, tais como: superação, questões de gênero, deficiência, *dopping*, ética, entre outros, trazendo as mais diversas possibilidades com essas relações (dando margem ao nível de competência social da abordagem crítico-emancipatória), além da expressão destes saberes em uma linguagem que partiu da linguagem corporal (expressão/encenação), mas se amplia e mixa-se com a linguagem audiovisual (dando margem ao nível de competência comunicativa da abordagem crítico-emancipatória).

Além dos instrumentos de avaliação para concepção das notas foi aplicada uma ficha de avaliação sobre as experiências de ensino-aprendizagem ao longo do bimestre. Ao todo, 125 questionários foram respondidos. Tal ficha foi composta por 6 questões subjetivas que abordavam desde opiniões sobre a atuação dos professores e da turma perpassando o que foi aprendido com essa experimentação.

Nesse sentido, foi alcançado como um dos principais resultados a quase unanimidade, entre as turmas, sobre a boa atuação dos professores, nos quesitos metodologia, organização, comunicação, envolvimento, proposição de aulas etc., pois, dos 125 questionários aplicados, apenas 2 deles fizeram uma leitura crítica negativa na elaboração de saberes a pelo menos um dos pontos acima citados, gerando uma porcentagem de 98% de leituras críticas positivas. Posso citar como exemplo de leitura crítica negativa a fala do aluno M. A.: Foi interessante, mas achei que precisava ter mais orientação, já que foi o primeiro curta elaborado (com roteiro, figurino...) passado como avaliação para a nossa turma. Para este aluno as dificuldades foram latentes, principalmente pela falta de vivência na elaboração de trabalhos dessa natureza. Porém, a visão do aluno M. H. foi diferente, para este “A atuação de ambos os professores me surpreendeu bastante, porque os alunos estão acostumados com a desorganização e a falta de envolvimento do aluno e do professor. A metodologia de vocês fez levar a matéria mais a sério”.

Detalhando as duas visões expostas acima sobre as críticas dos estudantes, junto às outras respostas dadas por eles em outros momentos, noto que, na maioria dos casos, as leituras críticas positivas na elaboração de saberes versaram sobre a metodologia, pois a partir dela os educandos levaram a Educação Física a sério, percebendo sua importância enquanto componente curricular. Essas leituras críticas positivas consistiram ainda quanto à utilização de uma estratégia de ensino diferenciada, no caso a tematização do conteúdo esporte com base no cinema enquanto estratégia de ensino, fugindo do que nos foi posto historicamente; e à organização e empenho nas aulas, porque os alunos foram tratados com o devido respeito, enquanto pessoas que têm saberes. E isso se acentua ainda mais, pois para a Educação Física ser tratada de forma merecida, os sujeitos que acessam e elaboram conhecimentos com a área devem ser respeitados.

Já as respostas de cunho negativo incidiram no sentido de que houve uma cobrança excessiva nas aulas ou de que precisavam de mais orientação à realização das atividades. Nessa perspectiva, isso pode ser justificado, inclusive levando em conta as conversas com os educandos fora do horário de aula, porque eles não estavam acostumados a ter aulas que não fossem

apenas o jogar por jogar, tendo, dessa forma, certas dificuldades na realização de outros tipos de atividades.

Outro ponto que merece destaque nas respostas dos estudantes é com relação ao que eles aprenderam com essa experiência do esporte e cinema. Esse aprendizado transitou, principalmente, pelo conhecimento de novas modalidades esportivas, até então desconhecidas; que os esportes vão além da simples prática, tendo determinada importância social; que é possível unir os conteúdos da Educação Física com qualquer área do conhecimento; e como produzir argumentos, vídeos e roteiros. Para ilustrar esta afirmação destaco as respostas de 3 estudantes: Aprendi a me organizar e a participar das atividades coletivas e comecei a praticar *badminton*, esporte que conheci através das aulas de Educação Física; que a Educação Física pode se tornar muito mais divertida, quando utilizada de maneira diferente da que, normalmente estamos acostumados; que esporte se trata de várias coisas além da prática desportiva em si, e que ela tem uma certa importância à sociedade. Também aprendemos muito sobre cinema e filmagem, o que acrescentou o aprendizado. Nesse sentido, considero que, a partir do cinema como estratégia de ensino, os estudantes compreenderam o conteúdo esporte, entenderam a linguagem, conheceram fazendo e aprenderam cooperando, ratificando, portanto, a necessidade de inclusão dessa nova forma de ensinar nas aulas de Educação Física.

Como principais resultados deste relato de experiência, posso destacar a obtenção do aumento do tempo e do espaço das aulas, através do relacionamento com os alunos nos grupos via Facebook diariamente, o trabalho colaborativo nas aulas e na produção final (curtas-metragens), o acesso crítico e criativo do conteúdo esporte pelos educandos, alicerçado pela mídia-educação e pelo cinema enquanto estratégia de ensino, fugindo das aulas de caráter esportivizado, assim como, a partir do reconhecimento dos processos pedagógicos por parte dos alunos, a materialização de um planejamento significativo e inovador, que influenciou de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem do conteúdo esporte. Portanto, fica evidenciado que o cinema é uma importante linguagem e pode estar atrelado ao fazer pedagógico, sendo tratado criticamente no cotidiano dos educandos, gerando uma nova forma de ensinar e aprender na escola, assim como pode colocar estes como atores centrais das aulas. Logo, de acordo com esse resultado, o cinema se ressentiu de ser explorado nos planejamentos dos professores de Educação Física, do mesmo modo como em pesquisas nessa área. O que se postula aqui não é supervalorizar o cinema e seus filmes, tampouco desvalorizar as outras possibilidades pedagógicas, mas sim, sinalizar à necessidade de fazer uso desse recurso tão rico e potencializador na aprendizagem, além da realização de mais experimentos pedagógicos e estudos relacionados a essa temática que permitam novos mapeamentos, análises críticas etc.

## **Reflexão**

A experiência pedagógica descrita, em minha compreensão, pode ser replicada em outras instituições de ensino de nosso país, principalmente com alunos pertencentes ao ensino médio ou 8º e 9º anos do ensino fundamental. No entanto, não a considero uma receita de bolo que está pronta e acabada e que deva ser replicada, necessariamente, na íntegra, pois isso, também depende de outros fatores como disposição/motivação dos professores, infraestrutura e materiais da escola. Em uma das aulas, por exemplo, aconteceu uma vivência de *badminton*. Caso a escola não disponha desse material, o esporte pode ser substituído por outro sem nenhum prejuízo, como o futebol, por exemplo. Outra possibilidade de ajuste, que pode ser necessária,

refere-se a aula em que foi utilizada a experimentação de quatro roteiros esportivos. Um deles, abordou a natação e foi executado em uma piscina. Acredito que a maioria das escolas brasileiras não possuem piscina, por isso, seria necessário desenvolver um novo roteiro para substituí-lo, caso a replicação da intervenção ocorresse em uma escola que não possua piscina. Assim, defendo a realização de sua replicação, desde que ocorram os ajustes necessários às realidades e particularidades de cada escola e educandos.

Para materializar essa intervenção pedagógica durante o período de um bimestre (equivalente a 25% de um ano letivo) o professor poderá enfrentar diversos desafios e dificuldades, como o planejamento, a execução das aulas e até mesmo a avaliação. No entanto, considero como a maior dificuldade entre todas a necessidade do professor se desafiar. Acredito que a maioria dos professores que atuam na educação há mais de dez anos já construíram um acervo significativo de aulas, planejamentos, conhecimentos e experiências que lhe permitiram a aquisição de uma segurança e consistência no seu fazer pedagógico. Todavia, sair da sua zona de conforto, experimentar outras metodologias, estudar sobre temas que não são do seu domínio (cinema, mídia-educação, abordagens críticas da Educação Física) e desafiar-se não deve ser uma tarefa fácil para a maioria dos professores no Brasil, que, geralmente, acumulam uma carga horária de trabalho elevada em função da necessidade de acumular mais de um vínculo de trabalho. Dessa forma, defendo que os professores que tenham interesse em replicá-la em suas escolas, busquem primeiramente estudar e se apropriar desses elementos (mídia-educação, cinema e abordagens críticas na Educação Física) para depois poderem materializar esta intervenção, pois a compreensão e execução do processo se darão de forma mais clara e objetiva.

As expectativas de aprendizagem que esta intervenção pode propiciar aos educandos são diversas e extrapolam o aprendizado apenas da dimensão procedimental do conteúdo esporte, como historicamente tem ocorrido na Educação Física e se materializavam em meu fazer pedagógico (abordagem esportivista). Caso compreem esse desafio, os alunos e professores poderão experimentar, com bastante afinco, as dimensões atitudinal e conceitual dos conteúdos, por meio de conteúdos, encenações, gravações, provocações e reflexões que a linguagem cinematográfica poderá intermediar na aprendizagem do esporte.